

HONRA E DEVER: O CIDADÃO ESPARTANO PLENO ATRAVÉS DA MORAL  
DOS HERÓIS NA *ILÍADA*

Maria Eduarda Martins<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo visa explorar a relação entre os heróis que Homero escreveu em sua obra *Iliada*, e a construção do ideal para um cidadão pleno na sociedade aristocrática espartana, no período Helênico (IV a.C.-II a.C.), através da explicação da conduta e dos valores dos soldados presentes na epopeia, como Aquiles, Heitor, Páris e Agamenon. Para isso, são analisadas as atitudes de coragem, raiva, honra e covardia destes heróis e como elas poderiam indicar à aristocracia guerreira modelos a serem seguidos ou repudiados. O artigo também investiga a presença das obras homéricas na educação e sociedade antiga, observando as condutas dos gregos na batalha de Troia e relacionando-as com a *agoge*, o sistema educacional espartano.

**Palavras-chave:** *Agoge*, Cidadão, *Iliada*, Herói, Homero.

## ABSTRACT

This article aims to explore the relationship between the heroes that Homer wrote about in his work, the *Iliad*, and the construction of the ideal of a full citizen in the Spartan aristocratic society, in the Hellenic period (IV BC-II BC), through the explanation of conduct and values of the soldiers present in the epic as Achilles, Hector, Paris and Agamemnon. To this end, the attitudes of courage, anger, honor and cowardice of these heroes are analyzed and how they could indicate to the warrior aristocracy models to be followed or repudiated.

The article also investigates the presence of Homeric works in ancient education and society, observing the conduct of the Greeks in the battle of Troy and relating them to the *agoge*, the Spartan educational system.

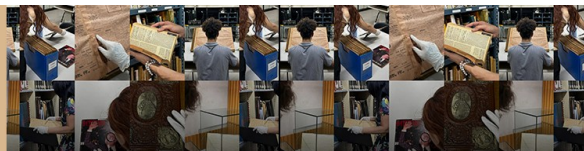
**Keywords:** *Agoge*, Citizen, *Iliad*, Hero, Homer.

## INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Graduanda do 4º ano de História/UNISAGRADO. Artigo realizado para as disciplinas de Metodologia de pesquisa em História e História Contemporânea, sob a orientação dos professores Lourdes C. Feitosa e Roger Gomes.

## 12º Encontro de Pesquisa em História



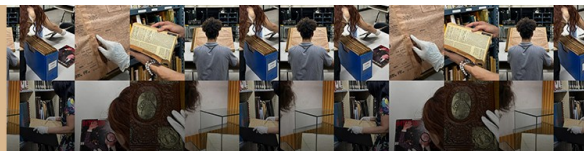
No decorrer do final do século XIX, os historiadores positivistas que possuem traços iluministas, acreditavam que para a História ser considerada uma ciência, a metodologia precisaria ser parecida com os métodos das ciências empíricas (Barros, 2011). Procuravam por “leis gerais” e constantes para construir “A História oficial”, por isso defendiam que somente as fontes burocráticas poderiam ser utilizadas para a narração do período selecionado.

Deste modo, durante uma longa época, a literatura não era vista como uma fonte histórica, já que esta não era considerada um documento oficial, não se encaixava no paradigma positivista. Esta perspectiva se altera no século XX com a Escola dos Annales, fundada em 1929 por Lucian Febre e Marc Bloch, com a defesa da ampliação das fontes e da prática da interdisciplinaridade. Através da literatura, é possível ver como os homens representavam a si mesmos no mundo ao qual pertenciam e analisar os pensamentos e reflexões cotidianas sobre o mundo da época (Silvia; Buffon, 2019).

Ao se fazer uma pesquisa no campo de história, há a necessidade de realizar um exame das condições históricas tanto da obra, a linguagem utilizada e a sua finalidade, quanto do autor, seu lugar social e as relações de poder daquela sociedade (Borges, 2010).

O presente artigo analisa uma obra literária épica, que apresenta os últimos meses de uma suposta guerra dos gregos contra os troianos, a chamada Guerra de Troia, que teria durado por dez anos e ocorrido por volta do século XII antes de Cristo. O seu estopim seria dado pelo rapto ou a traição de Helena, onde a infidelidade teria se dado graças a influência de Afrodite sobre a rainha espartana (Ilíada, 2003, p. 8-10). Este seria um exemplo importante para ressaltar a narrativa que envolve a mitologia grega, desde o motivo da guerra até o final dela com o cavalo de Troia, uma sugestão que Athena teria dado a Odisseu. As lendas e personagens mitológicos se confundem e se misturam com os fatos reais, apesar de ser uma história focada no campo de batalha e a luta entre os soldados, não pode ser considerada como um livro sobre a história da Guerra de Troia (Vainfas; Soares, 2012, p. 113–114).

## 12º Encontro de Pesquisa em História



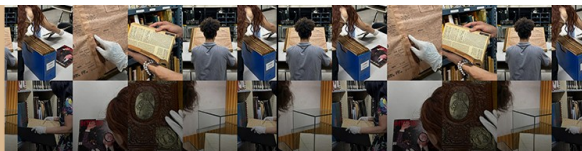
Na historiografia brasileira sobre a Guerra de Troia observa-se uma escassez de estudos brasileiros acerca do tema até o presente momento em que este artigo está sendo realizado. As pesquisas realizadas sobre este tópico, principalmente fora da academia brasileira, em sua maioria, são ligadas à área de arqueologia, cujo principal objetivo é encontrar as ruínas da cidade de Troia.

Outro fator importante ao explorar a *Ilíada* é entender um pouco mais sobre o seu autor. É necessário fazer uma análise da questão homérica, causa de muitas incertezas e lacunas sobre quem realmente foi Homero e em que período exato da Grécia Antiga ele teria vivido e escrito a *Ilíada* e Odisseia, pois é através do tempo, do local e do grupo social no qual o indivíduo viveu que se observa traços de sua moral, valores e olhares de mundo, e estas são informações relevantes que podem afetar a sua escrita e narração da história, como observa Cicero de Oliveira:

Entendemos que o texto literário nos permite entender através das diferentes vozes dos personagens e do autor a complexidade de um imaginário de uma época sobre certos assuntos, a inclusão de certos assuntos por grupos nas sociedades. Ressaltando que por mais que os textos sejam parecidos e se aproximem da verdade, ainda se apresenta como ficção e por isso devemos confrontá-la com outros registros históricos buscando contextualizar a obra para melhor entender os múltiplos significados da realidade histórica (Oliveira, 2017, p.4).

A *Ilíada* é um clássico da literatura ocidental que oferece a perspectiva de quem a escreveu, assim como pode proporcionar a de quem a escutava e principalmente do público-alvo do poeta. Nela, pode-se observar os valores e padrões morais que eram ou não valorizados na sociedade a que se refere. Por intermédio dela, é possível realizar uma reflexão sobre uma classe social específica e sua mentalidade, principalmente pelo fato de a *Ilíada* ser utilizada na educação dos jovens gregos, segundo Jadir Vieira: “Os gregos em geral conheciam todos os seus pormenores, pois era através da epopeia da *Ilíada* ensinada em suas escolas que “as crianças aprendiam a sua língua e a sua história copiando as passagens mais importantes da epopeia” e assim difundiam seus valores éticos” (2011, p.3).

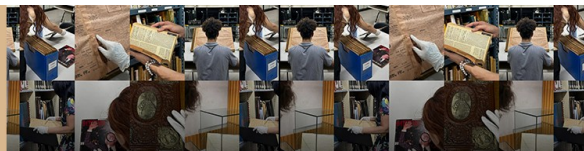
## 12º Encontro de Pesquisa em História



A edição da *Ilíada* escolhida para a realização do presente artigo pertence à série de Clássicos da editora Penguin Companhia; a tradução foi executada diretamente do grego para o português por Frederico Maria Bio Lourenço, um especialista da área que escreveu o prefácio e adicionou apêndices ao livro explicando os personagens principais, deuses e mapas da Grécia Antiga para contextualizar o leitor que está tendo o primeiro contato com o assunto. A publicação também possui duas introduções, uma escrita por Emile Victor Rieu, em 1950, e a outra por Peter Jones, em 2003. Possui uma linguagem fluida e acessível tanto em seu prefácio como nas introduções; nesses três momentos os autores realizam uma preparação e explicação sobre a obra, os personagens, uma discussão sobre a suposta existência de Homero e da maneira que o texto foi escrito e adaptado para chegar ao leitor.

O livro possui 715 páginas no total, divididas em vinte e quatro cantos, sendo uma edição versada da *Ilíada*. Atualmente, a obra pode ser encontrada tanto em prosa quanto em verso. A *Ilíada* foi originalmente composta em versos hexâmetros datílicos, métrica que contribui para a musicalidade e a memorização do poema, facilitando sua proclamação e transmissão oral nas sociedades antigas (Sais, 2024, 19'12). A escrita da epopeia em prosa é uma forma mais moderna de escrita; ao adaptá-la, os editores buscam torná-la mais acessível e prática de ser lida, para quem pode não estar familiarizado com a poesia épica, o que faz com que a obra alcance mais leitores e seja ainda mais conhecida. Outro modo disponível da *Ilíada* é em quadrinhos, mais acessível ao público jovem.

O artigo tem como objetivo principal refletir sobre como a epopeia era utilizada no sistema educacional espartano, a *agoge*. Se a conduta dos heróis homéricos como Aquiles, Agamenon e Páris, por meio de seus atos heroicos, ou de suas reações quando sua honra era ferida, ou em momentos de covardia, de ganância ou de derrota, eram um modelo ser incentivado ou repudiado. Por meio da análise destes aspectos, busca-se entender se a literatura possuía influência sobre a aristocrática militar



espartana e na construção de identidade de um cidadão<sup>2</sup> pleno na sociedade da época.

### HOMERO: UM MITO OU UM GÊNIO?

Como dito acima, quando a fonte escolhida é literária, a pesquisa sobre o autor é importante e necessária. Mas quando se trata da *Ilíada* e Odisseia, um problema é encontrado, pois não se sabe exatamente quem é o autor, sendo um dos mistérios das obras.

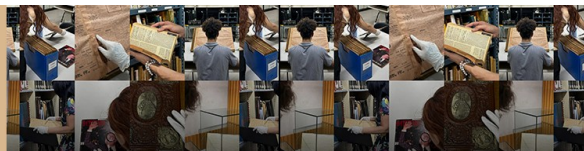
Lilian Sais analisa o ciclo épico troiano, que seria a soma da *Ilíada* e Odisseia, mais os poemas épicos que circulavam na época que também realizavam a narração da Guerra de Troia, mas não sobreviveram até a contemporaneidade. A *Ilíada* é finalizada com a morte de Heitor e a Odisseia iniciada quando a Guerra já tinha sido vencida e Odisseu voltava para casa e se referia ao cavalo de Troia e à morte de Aquiles como eventos que aconteceram antes. Inicialmente, o crédito desses poemas também foi dado a Homero, porém, por uma análise estética, foi concluído que não eram de sua autoria, o que gerou os questionamentos se ele realmente seria o autor dos dois clássicos. No século II a.C., na biblioteca de Alexandria, foi iniciada uma pesquisa profunda sobre quem seria Homero e se, de fato, havia existido, dando origem aos escólios homéricos. Naquele momento, a existência de interpolações foi notada, ou seja, percebeu-se versos que não eram originais de Homero, mas que foram escritos e incorporados ao texto posteriormente (Sais, 2024, 1'18 – 19'15).

O professor de língua e literatura grega da USP André Malta ressalta que na tradição grega Homero seria um bardo cego, mas que não existem provas concretas de sua existência. As obras teriam sido escritas por volta do século VIII a.C., quando o alfabeto teria sido introduzido na região. Porém, a leitura ainda não teria sido ensinada

---

2 Quando se fala de cidadão na Grécia Antiga no período arcaico, é falado de uma sociedade estamental, com pouca mobilidade social, portanto a casta na qual o indivíduo nasce é a que permanece até sua morte. Os indivíduos cidadão espartano, se distinguem por nascer em Esparta e ser filho de cidadãos espartanos (SILVA, M., 2017)

## 12º Encontro de Pesquisa em História



para todos, ou seja, a sociedade ainda era muito oralizada em questão de propagação de informações, portanto os poemas não seriam lidos e sim recitados; os trechos seriam ouvidos e memorizados para serem recitados por outros bardos. Malta defende que Homero, caso tenha existido, teria sido a pessoa que compilou e escreveu aquilo que a tradição oral propagava sobre a Guerra de Troia durante gerações; por isso possui uma linguagem poética que foi adaptada pelo poeta para a recitação. Sendo assim, nota-se as marcas da oralidade presente na obra; os estudos modernos presumem que saber se Homero é o suposto indivíduo que compilou elementos da tradição oral tem pouca relevância, pois mesmo que ele não tivesse compilado os textos, isto teria sido feito por outra pessoa (Malta, 2013, 2'08 – 12'20).

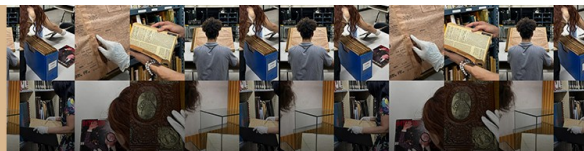
Homero seria nascido na Jônia, mas isso é incerto; tradicionalmente, é considerado um grego que teria vivido por volta dos séculos IX-VIII a.C. (Silva, 2013). Teria sido um *aedo*<sup>3</sup>, supostamente cego, o mais conhecido da Hélade (Jaeger, 2001, p.37) que, assim como a maioria dos *aedos*, legitimava sua escrita por via de uma genealogia heroica, por isso atrelava seu conhecimento a uma dádiva das musas, suas professoras e mestras.

Como enfatiza Alexandre de Moraes (2022, p.52), “As passagens que melhor evocam a atividade dos *aedos* profissionais aparecem em Homero. Eles são descritos como verdadeiros ornamentos nos banquetes, apresentando sua poesia diante de uma aristocracia palaciana que cultivava a opulência”. Logo, contribuíam para manter viva a tradição oral, pois os poemas eram memorizados e recitados sem o apoio escrito, por isso a métrica e o ritmo eram relevantes. As tradições e conhecimentos eram passados principalmente por via oral para outros indivíduos, pois o acesso ao aprendizado da leitura não era proporcionado a toda sociedade, mas as histórias e mitos eram transmitidos de geração em geração, fato que pode explicar os quase inexistentes registros escritos na época de Homero.

---

3 Poeta oral (dicionário online de Português, disponível em: <https://www.dicio.com.br/aedo/>).

## 12º Encontro de Pesquisa em História



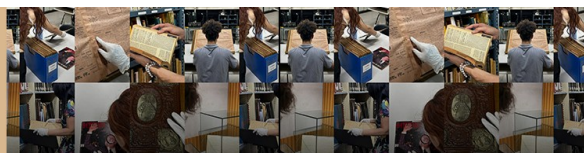
Dado que Homero teria sido um *aedo*, a sua classe de poetas apresentava suas obras para uma parcela abastada da sociedade, os cidadãos. Na sociedade espartana, a organização da hierarquia social se atrelava a um sistema que valorizava o mérito e a honra e usava estes conceitos como um parâmetro avaliativo do que se aproximava, ou não, ao padrão ideal, ensinado e incentivado através do sistema educacional espartano, a *agoge*. Mas como dizer quem era ou não honrado?

Era baseado principalmente por intermédio da aprovação dos outros membros da sociedade, por exemplo, os anciãos tinham grande peso em suas avaliações, sendo elas favoráveis ou não. Suas conquistas deveriam ser publicamente reconhecidas para, assim, o mérito atribuído a elas não serem questionadas ou invalidadas. Por meio delas é que a reputação e ascensão social eram alcançadas. Uma maneira de fazê-lo era através da guerra (Carminati, 2023), pois, ao ceifar a vida do oponente, são permitidos o saque do cadáver, o domínio sobre a cidade e a obtenção dos tesouros particulares e recompensas de batalha. Por isso Aquiles, no início da *Ilíada*, fica tão irado e revoltado com Agamenon, que lhe retirou sua recompensa e, assim, feriu sua honra.

A *Ilíada* é uma epopeia ou um poema épico que narra uma história de grandes atos e de heroísmos sobre a Guerra de Troia, que teria sido travada entre os gregos espartanos e os troianos e apresentada por meio de poema (*Ilíada*, p. 74). O enredo explora a fúria de Aquiles, a covardia e o amor de Páris, a honra de Heitor, a arrogância e ganância de Agamenon e o luto e a dor de Príamo. Como heróis, se diferenciam de humanos comuns e, principalmente, não deveriam questionar ou desrespeitar a autoridade dos deuses uma vez que tudo estava nas mãos do destino. Dado este fato, como dito antes, não se pode olhar para esse clássico como uma narração de guerra, mas para a sua linguagem poética e romântica sobre o possível acontecimento, e para isso o historiador deve ter olhos atentos.

Mas, ao se estudar a Grécia antiga, observa-se que a sua composição era em cidades-estado e muito diferentes entre si, com seu sistema político, seu dialeto, suas

## 12º Encontro de Pesquisa em História



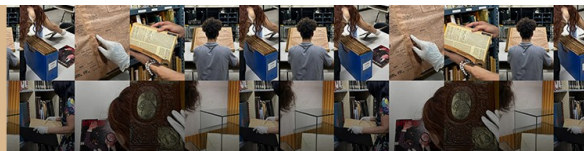
aristocracias dominantes e sua economia. Contudo, eram unidas por laços linguísticos, culturais e principalmente religiosos. Segundo Norberto Guarinello (2013, p. 80), “A presença intensa do sagrado na vida, do respeito às divindades alheias e da possibilidade de associá-las, como diferentes acetos do divino, foram grandes facilitadores da integração no Mediterrâneo”. Pela comunhão entre os deuses, aspectos econômicos, sociais e culturais se entrelaçavam, como a ida ao oráculo de Delfos, onde as pessoas prestavam homenagem ao deus Apolo e aos outros, consultavam o oráculo e obtinham a purificação.

Essa realidade estava presente nos mitos, passados através da tradição oral, como a viagem para Delfos que está no mito de Édipo, escrito por Sófocles. Nele, o rei e a rainha de Tebas vão até o oráculo da cidade e recebem a profecia que seu filho iria matar o pai e se casar com a mãe, e ao tentar lutar contra o destino, a profecia se cumpre. Uma lição sobre como os mortais não poderiam escapar do destino ou da vontade dos deuses também é visto no mito de Orfeu que, ao desobedecer ao acordo entre ele e Hades, perde a esposa.

O uso de cidades ou reinados também é frequente e se observa com a cidade de Atenas, que ganha esse nome pelo resultado da disputa por território entre Athena e Poseidon. Portanto, a mitologia servia como justificativa da glória e “superioridade” de uma pólis, ou uma lição de moral acerca da desobediência em relação aos deuses, situações presentes também na *Ilíada*. Troia tinha como patrono Apolo, como Atenas tem Athena. Agamenon, o rei entre os reis de Esparta, no começo da Guerra, esquece de prestar os devidos ritos aos deuses e paga com a morte de sua filha, assim como Orfeu com a morte de sua esposa, e Homero teria usado a cidade de Esparta como Sófocles utiliza Tebas. A presença do entrelaçado entre a realidade e a ficção é um dos motivos que tornam a *Ilíada* tão interessante e possibilita observar os valores culturais que norteiam a organização social.

Os *aedos* eram pagos para recitar suas obras em banquetes realizados pela aristocracia guerreira, e a *Ilíada* seria um desses poemas apresentados (Moraes, 2012, p. 48). O clássico apresenta o ponto de vista dos aqueus, dos heróis gregos e

## 12º Encontro de Pesquisa em História



no estudo da obra é perceptível que alguns momentos são mais longos e recebem mais enfoque do que outros, logo são mais importantes para aquele que o conta.

Outro fator interessante é o recorte temporal apresentado na obra. A Guerra de Troia teria durado cerca de dez anos, com a vantagem de Troia nos embates bélicos. Porém, durante a epopeia é retratado somente os últimos meses, momento de vitória para os gregos, mas sem abordar o final da batalha. A escolha de começar a narração a partir de um embate entre Aquiles e Agamenon e terminar com a morte de Heitor, deixando de lado o motivo e começo da guerra com o rapto de Helena e destruição e tomada de Troia, é no mínimo curioso. Homero<sup>4</sup>, ao fazer isso, consegue trabalhar com profundidade um episódio que dura menos de dois meses, mas sem fazer alusão direta aos outros episódios, como o rapto de Helena ou a queda de Troia, feito depois na Odisseia (Ribeiro JR, 2006).

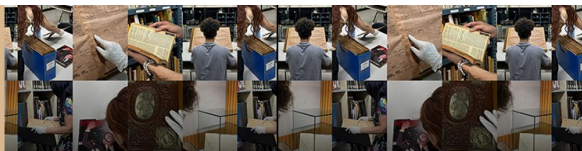
A guerra teria começado por causa de uma promessa de Afrodite para Páris e terminado devido à orientação que Athena teria dado a Odisseu, mostrando a influência dos deuses durante o desenrolar da guerra. Mas, um fator de grande importância para o presente artigo é para quem Homero proclamava este poema:

Em relação ao público-alvo, como já citado, os *aedos* eram conhecidos por cantarem seus poemas especialmente em banquetes para a aristocracia guerreira, sendo pagos para exercerem seu ofício. Sendo assim, o conteúdo de seus cantos era referente, em sua maior parte, a genealogia desse grupo, aos grandes feitos dos heróis que os antecederam (Silva, 2013, p.5).

Portanto, se o poema era proclamado em banquetes para a aristocracia grega, existiria alguma chance de os aqueus perderem a guerra? Pois, mesmo que tivessem sido quase massacrados durante os outros nove anos pelos troianos, o momento escolhido seria propício à glória dos gregos. “Homero reflete o seu mundo” (Jones, 2013, p.25) e através dos personagens é possível compreender o que o autor valorizaria ou não, bem como do grupo social ao qual ele pertencia.

---

4 A partir desse ponto do texto, Homero é entendido como o possível compilador da tradição oral e não como o autor integral da obra ou figura histórica.



### ANÁLISE DA ILÍADA

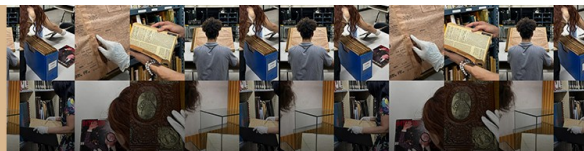
Um exemplo disso é quando Heitor chama a atenção de Páris, quando este fugiu da luta contra Menelau, por covardia. Como Pitt-Rivers ressalta, “desonrado é aquele que se recusa a arriscar a vida para defender a sua honra” (Pitt-Rivers, 1992, p.20). Mas, por estímulo do irmão mais velho, ele reconhece seu erro e volta a lutar, mas agora em uma guerra onde centenas de homens se sacrificariam por sua causa. O reconhecimento do erro e a proposta de um novo duelo, entre ele e o espartano, fazem com que sua honra seja restaurada, pelo entendimento de suas falhas e a culpa por ter sido covarde, mesmo que este duelo não aconteça e a guerra esteja declarada.

Há outros personagens que, pela sua arrogância e teimosia, também perdem sua honra e reconhecimento entre seus companheiros, mas podem ser perdoados ao se redimir pela volta à batalha ou ao revogar sua decisão são Agamenon e o próprio Aquiles, que pela sua ira decide se retirar do campo de batalha no início da narrativa.

Homero recorre aos próprios personagens para repreender ações e comportamentos inadequados, neste exemplo Nestor, o mais velho dos guerreiros aqueus que tem o papel de um sábio ancião que dá conselho aos jovens soldados, é quem realiza esta ação para acalmar Aquiles e fazer Agamenon enxergar sua arrogância no primeiro canto da *Ilíada*:

[...]Ouvi-me! Sois ambos mais novos que eu.  
Pois já eu com mais homens valentes que vós  
me dei — e nunca esses me desconsideram  
[...] Obedecei também vós, pois o melhor é obedecer.  
Que não procures tu, nobre embora sejas, tirar-lhe a donzela,  
mas deixa-a estar: foi a ele primeiro que os Aqueus deram o prêmio.  
Quanto a to ó Pelida, não procures à força conflitos com o rei,  
pois não é honra qualquer a de um rei detentor de cetro,  
a quem Zeus concedeu a glória.  
Embora sejas tu o mais forte, pois é uma deusa que tens por mãe,  
ele é mais poderoso, uma vez que reina sobre muito mais.  
Atrida refreia agora a tua ira; eu próprio suplico  
que abandones a cólera contra Aquiles, que para todos  
os Aqueus é um forte baluarte na guerra destruidora (*Ilíada*, I, 260–80).

## 12º Encontro de Pesquisa em História

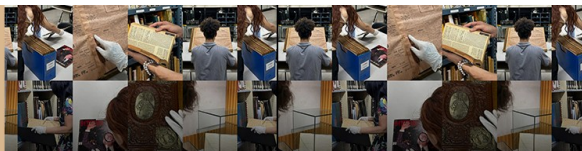


Reafirmando o que foi dito antes, em Esparta os anciãos eram importantes no momento de atribuir ou retirar a honra dos outros cidadãos (Bernardo, 2020), por isso os conselhos de Nestor têm grande peso. Porém, Agamenon está com seu ego ferido por ter sido desafiado por Aquiles na frente de todo seu exército e não pretende se desculpar com um soldado que está em uma classe inferior à sua, assim ignora o pedido do mais velho sobre abandonar o seu orgulho. E devido à sua autoestima ferida, o exército aqueu recebe as consequências, pois Aquiles se recusa a entrar no campo de batalha e os gregos param de avançar e perdem muitos de seus soldados. Deste modo, vemos que o orgulho demasiado que chega a tampar os olhos do rei é algo condenável e a lealdade e confiança de seus companheiros são abaladas, ou seja, a honra de Agamenon foi afetada. No meio da história este foi obrigado, pelas circunstâncias que o exército aqueu se encontrava, a se desculpar com Aquiles e a lhe devolver a donzela, como deveria ter feito desde o início. Mas, para ganhar a simpatia do filho de Tétis novamente, precisou ceder as riquezas e posses que conseguiu ao longo da batalha, sofrendo da mesma dor que provocou a Aquiles. Portanto, teve que pagar um preço muito mais alto do que pagaria se tivesse cedido e utilizado seu lado racional antes. Todavia, este não é redimido como Páris por perder o respeito entre seus parceiros.

Esta já era a terceira vez que Agamenon cometia esse mesmo tipo de erro, ou seja, ele não era um homem que aprendia com suas falhas. A primeira vez foi ao não honrar os deuses antes da batalha com um ritual, e assim os aqueus já começam em desvantagem na guerra; como punição, teve que oferecer a vida de sua própria filha para ganhar a simpatia dos deuses novamente. Nessa parte, podemos ver uma justificativa divina para a falha inicial dos gregos, abrindo espaço para o pensamento de caso o ritual tivesse sido feito, eles teriam vantagem desde o começo na batalha, isto é um argumento que a falha não foi dos militares.

A segunda ocasião foi ao não devolver Criseida ao seu pai (Crises), que oferecia a Agamenon uma abundante quantia de dinheiro e oferendas pela filha, mas negou a troca, então Crises, que era um sacerdote de Apolo, recorreu ao deus do sol

## 12º Encontro de Pesquisa em História



para castigá-lo, inclusive a *Ilíada* faz alusão a este ocorrido (*Ilíada*, I, 181–183). Assim, o deus provoca uma grande onda de doenças no exército aqueu, não deixando alternativa a Agamenon a não ser devolver a moça ao pai para apaziguar a ira de Apolo; novamente o rei de Esparta só revoga sua decisão quando não existia outra opção.

Quanto à Aquiles, por que se recusava a combater enquanto Agamenon não lhe devolvesse Briseida e se desculpasse? Tanto pelas suas negligências anteriores em relação ao exército, como pela humilhação pública ao lhe retirar uma recompensa de batalha na frente de todos.

Isso se dá porque as riquezas, as mulheres e todas as posses que os soldados obtinham durante o saqueamento do território tomado também faziam parte da construção e validação de sua honra e atos heroicos. Então, para Aquiles, Agamenon lhe retirar seu espólio de guerra<sup>5</sup> foi o mesmo que ferir sua honra e o fez se sentir insignificante como soldado, pois a glória alcançada em batalha havia lhe sido retirada. E, assim como o rei, ignora o conselho de Nestor o que futuramente custará a vida de Pátroclo, seu querido amigo.

Agamenon fica cego em razão de seu ego e arrogância; já Aquiles, por raiva e desejo de vingança. Pelo ressentimento que sentia, se recusou a ir para o campo e a deixar que os mirmidões<sup>6</sup> participassem e, por consequência, os aqueus sofreram em batalha.

Pátroclo, um amigo muito querido por Aquiles, tenta convencê-lo de muitos modos a voltar à guerra, mas esse se recusa e com ironia pede que este vista sua armadura e lidere seu exército para combater os troianos (*Ilíada*, XVI, 126–139). E esse assim o faz e acaba falecendo pelas mãos de Heitor, que pensava estar matando Aquiles, este que no início de seu luto lamenta a morte de um amigo querido:

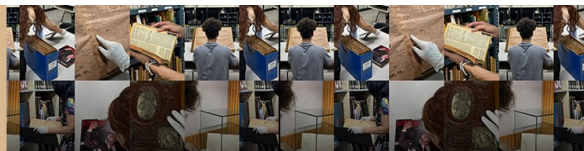
Mas que satisfação tenho eu nisso, se morreu o companheiro amado,

---

<sup>5</sup> “Após uma guerra, os espólios são os bens e riquezas que os vencedores conseguiram tomar para si. São, em outras palavras, os bens “deixados” por aqueles que foram derrotados.” (GALVÃO E SILVA. mai 2024, disponível em: <https://www.galvaoesilva.com/o-que-e-espolio/>)

<sup>6</sup> eram os soldados de Aquiles.

## 12º Encontro de Pesquisa em História



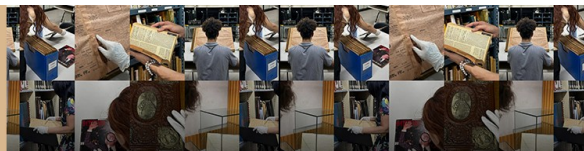
Pátroclo, a quem eu honrava acima de todos os outros, como a mim próprio? Perdi-o! E Heitor, que o matou [...]  
Pelo filho morto, que nunca mais receberás de novo, regressado para casa, visto que meu ânimo não me compele a viver entre homens e com eles coexistir, se primeiro Heitor não perder a vida golpeado pela minha lança e pagar a espoliação de Pátroclo, filho de Menécio (Ilíada, XVIII, 80 - 93).

Neste momento, a dor se torna ira e o filho de Peleu novamente se enfurece e sente, de novo, o desejo de vingança. Como saída, a sua volta à guerra está ligada à moral desse personagem, que não é necessariamente vista com bons olhos pelos seus companheiros, apesar do alívio de ter Aquiles de volta ao campo, o motivo não é o ideal. O mesmo abre um caminho de cadáveres entre os troianos para encontrar Heitor e matá-lo e quando o faz, realiza o seu objetivo. Aquiles não respeita os ritos fúnebres do morto e o arrasta em sua carruagem para mutilá-lo e sequestrá-lo para que o funeral não seja realizado. O que foi criticado tanto por troianos quanto por gregos, afetando a sua honra.

A verdadeira ofensa de Aquiles ao purgar seu ódio e solidão no corpo de Heitor não é contra Heitor, mas contra a família e a comunidade que desejam chorá-lo e enterrá-lo. Ele está violando a necessidade social por partes dos vivos de enterrar os mortos com decoro ritual e formal, a fim de humanizar o fator morte e fazer isto mais tolerável (Schein, 1984, p. 188)

Em dados momentos da Ilíada é possível observar guerreiros comuns recebendo ritos fúnebres, que eram realizados pelos companheiros de guerra que sobreviveram (*Ilíada*, VII, 327–344). Para os grandes heróis falecidos em combate, como no caso de Heitor, era claro para todos que o príncipe merecia receber a honra de um funeral digno, pois era ele o líder dos troianos era um homem honrado em combate.

O próprio Heitor súplica a Aquiles para que seu corpo seja devolvido a seus pais e esposa para que fosse cremado, mas logo em seguida o aqueu recusa seu pedido (*Ilíada*, XXII, 338–350) por estar cego pelo desejo de vingança da morte de Pátroclo; é impiedoso mesmo com um homem que merecia seu rito fúnebre. Ao mesmo tempo que nega uma honra a ser prestada ao morto, nega a despedida da família que



ficou e mancha a sua honra como herói e baluarte, que só será restaurada quando Príamo implora, com muita dor, para o aqueu devolver o corpo de ser filho.

Esta é uma das únicas vezes durante a narrativa épica que Aquiles sente piedade de outra pessoa, que não é Pátroclo. Assim, permite que o cadáver do príncipe Heitor seja levado de volta a Troia para os ritos fúnebres serem realizados, e instaura uma trégua de doze dias para os troianos terem o seu período de luto. E assim conquista sua honra de volta, por ter sido um guerreiro piedoso. Deste modo, fica claro alguns dos valores que os guerreiros homéricos portavam.

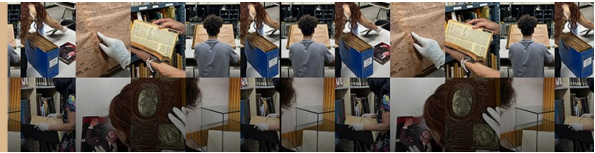
### ANÁLISE DA AGOGE

A origem da *Agoge* espartana, tal como a Guerra de Troia, a de Homero também se mistura com lendas e mitos. Uma das grandes dificuldades de se estudar a cidade-estado de Esparta é achar documentos que os próprios produziram sobre si (Fornis, 2024). A maioria das fontes e informações sobre essa civilização, que circulam atualmente, tem origem em cidades vizinhas e autores não espartanos que relataram essas informações a partir da própria observação e suas próprias conclusões, como o filósofo ateniense Xenofonte ou Plutarco. Ou seja, quando este tipo de fonte é utilizada, a pesquisa sobre quem eram os autores e o momento em que foram escritas é crucial, caso fosse um momento de guerra ou rivalidade entre duas pólis, a maneira de ler o documento precisa ser mais atenta para que o historiador não seja influenciado pelos juízos de valores ali presentes.

Portanto, a origem exata do sistema educacional interno espartano não foi descoberta até a contemporaneidade. No entanto, há algumas teorias sobre como a *agoge* surgiu. A figura que é associada com a sua fundação e a da reforma radical das instituições é Licurgo, um legislador lendário de Esparta, assim como os gregos acreditavam na existência de Homero, acreditavam na sua existência.

Por ele ter executado as mais belas ações, porque, se ele morresse, o fim da sua vida seria verdadeiramente feliz, e pela sua morte, também seria útil aos cidadãos que estariam de guarda pelas coisas belas e boas, abandonou-se a

## 12º Encontro de Pesquisa em História



morte, visto que eles juraram utilizar sua constituição até que ele retornasse. E não se enganou nos cálculos; tanto que foi a primeira cidade da Hélade em boa ordem e reputação durante o tempo de quinhentos anos, enquanto utilizaram as leis de Licurgo (Plutarco, Vida de Licurgo, XXIX, 5-6 *apud* Silva, 2020, p.121-122).

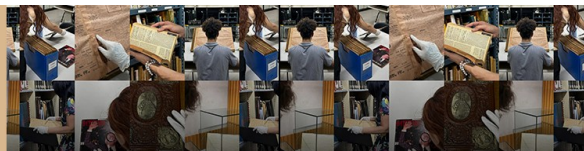
A *agoge* era um modelo que se iniciava aos sete anos das crianças e se prolongava até os 20 anos (Oliveira, 2019), divididos entre o ensino das letras, música, cálculo e treinamentos físicos até o manuseio de armas, visando criar cidadãos leais à sua pólis, inclusive acima de si mesmos. Apesar de possuir um sistema específico e tenso, se provou constante por causa de seu exército, que foi o melhor entre os gregos por mais de dois séculos (Guarinello, 2013, p.87). O que, sob as leis de Licurgo, faz muito sentido já que a educação seria ligada às forças militares, com base na meritocracia.

O sistema de honras espartano premiava o mérito e os êxitos de seus cidadãos, associando, assim, a ascensão social à meritocracia. Porém, o acesso às arenas de disputa pelas honras não estava garantido a todos igualmente. Logo, apesar de reforçar uma lógica meritocrática, fica evidente que os grupos mais ricos dentro da sociedade espartana possuíam um campo de possibilidades e “atalhos” que os menos favorecidos nunca conseguiriam acessar (Carminati, 2023, p.251).

Um cidadão espartano, durante a sua vida, deveria alcançar e comprovar suas conquistas perante a sua sociedade, para assim manter ou elevar seu status social, mas os mais privilegiados e com melhores conexões conseguiam manter e perpetuar seus privilégios e reputações com facilidade. Situação que promovia uma lógica meritocrática que propicia uma falsa ideia de que caso o indivíduo se esforçasse o bastante, alcançaria as honras e riquezas que almeja. Esta é uma reflexão válida inclusive para a presente sociedade capitalista que reproduz discursos meritocráticos como uma forma de esconder que as oportunidades não são iguais para todos.

O historiador Gabriel Bernardo defende que o “amor pela honra” dos espartanos seria um “defeito” causado pela constituição de Licurgo, que tinha a intenção de criar sujeitos militares que acabavam não sabendo lidar com os tempos de paz. Esse

## 12º Encontro de Pesquisa em História



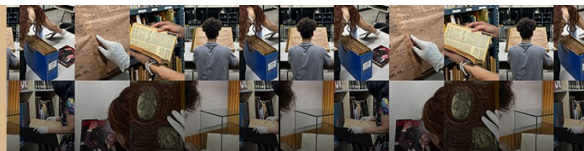
estereótipo sobre os espartanos acabou sendo construído após o século V a.C., portanto, a tradição propagada por autores estrangeiros como Platão, Aristóteles e Plutarco se consolidou como a principal representação dos espartanos, idealizando sua sociedade e cultura, seus cidadãos e suas relações sociais que seriam guiadas por uma “bússola da honra espartana” (2020, p. 49 – 94). Outro fator interessante é o questionamento de como era a “educação antes da educação”, que recebe o nome de *trophe* (p. 106 – 7), traz uma citação de “A Vida de Lisandro” de Plutarco, no qual este escreve que ter uma ambição pela busca de uma boa reputação e elogios não é nada vergonhoso, mas sim a indiferença pela busca por status.

Portanto, até mesmo antes de se entrar na educação formal, as crianças já estavam inseridas em uma lógica competitiva que valorizava e necessitava dos julgamentos de outras pessoas para serem reconhecidas no código de honra espartano, sendo essa competitividade reproduzida nas atividades, competições e exercícios praticados.

Conseqüentemente, a honra seria uma força motriz na vida dos espartanos. Na *agoge* era ensinado que sempre seria um objetivo que deveria ser alcançado e se vê na fase adulta nos banquetes, onde se debatia e avaliava a ação dos outros cidadãos e se mereciam ser condecorados ou não. Até mesmo os reis precisavam se submeter às regras da honra, principalmente por meio de um bom reinado, expansão de território e um exemplo para o povo.

Outra forma de ganhar a honra seria alcançar a bela morte. Um historiador que escreveu sobre o conceito foi Jean-Pierre Vernant, no artigo “A bela morte e o cadáver ultrajado (1978)”, e em outras obras. Para ele, a bela morte consistia em morrer jovem e em campo de batalha, lutando até o fim com honra e coragem, mas os covardes que não faleciam em combate ou que fugiam dele perderiam o seu valor social. Além disso, o morto deveria possuir um funeral completo e ter seus feitos eternizados pelos poetas (Sousa, Silva, 2022, p.2). Na própria *Iliada* afirma-se que morrer lutando por sua pátria e não fugir da luta são maneiras dignas de se morrer, como nesses dois momentos:

## 12º Encontro de Pesquisa em História



Amigos, sede homens e assenhoreai-vos de vosso coração aguerridos!  
Tende vergonha uns dos outros nos potentes combates!  
A maior parte dos homens com vergonha não morre, mas salva-se;  
porém dos que fogem não vem renome nem vantagem! (Ilíada, V, 529-532).

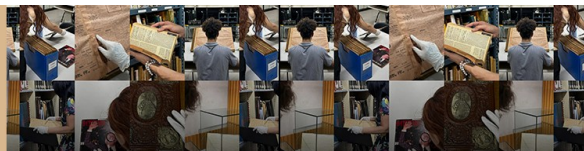
Assim como no próximo excerto, fica claro a ideia de que uma morte bela no campo de batalha é honrosa e morrer lutando pelos seus companheiros é preferível que fugir, porém esse trecho traz a ideia que ao falecer estarão protegendo suas mulheres e filhos, assim como sua pátria:

Combatei pois cerrados nas naus! E se algum de vós,  
alveado ou golpeado, encontrar a morte e o destino,  
que morra! Pois não é vergonha nenhuma morrer  
pela pátria. Pois a salvo ficam a mulher e os filhos,  
e a sua casa e propriedade incólumes, se o Argivos  
partirem nas naus para a amada terra pátria (Ilíada, XV, 494-499).

A partir desta concepção, há o destaque para o herói troiano Heitor, “o poema da glória de Heitor, resultado do que ocorre no Canto XXII, momento em que o maior herói troiano é morto e seu corpo é ultrajado por Aquiles” (Marques, 2013, p.234). Heitor seria a compilação de todas as virtudes que um cidadão pleno deveria ter, mesmo que troiano, foi justo, corajoso e um hábil guerreiro que morreu em baralha, por isso até mesmo os soldados gregos condenam Aquiles por ultrajar seu corpo e negar seu direito de receber os ritos fúnebres e ser lembrado pelo seu legado construído em vida.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

## 12º Encontro de Pesquisa em História



Ao explorar a relação entre a *Ilíada* e a formação do cidadão espartano, o artigo oferece uma perspectiva sobre o papel da literatura na construção de identidades coletivas, e ansiou mostrar como a epopeia de Homero servia como um manual de conduta para os jovens espartanos, moldando seus valores e comportamentos. Essa análise visa contribuir para o campo dos estudos clássicos ao evidenciar a interação entre a literatura, a educação e a política na Grécia antiga, principalmente na cidade-estado de Esparta.

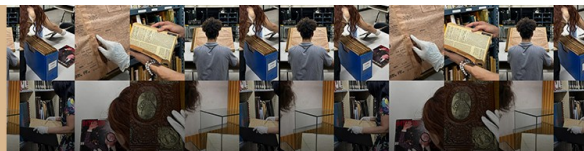
Durante a pesquisa, grande dificuldade foi lidar com as escassas pesquisas profundas sobre o tema, portanto outras áreas tiveram que ser consultadas como a filosofia e arqueologia. Porém, foi perceptível o aumento de investigações a respeito do tema na historiografia brasileira, como aquelas realizadas por Gabriel Bernardo (2020) e Alexandre de Moraes (2012).

Durante a análise da *Ilíada* e da *agoge* espartana, esperava-se alcançar o objetivo de interligá-las através dos valores morais como honra, covardia e ganância para, assim, compreender melhor e aprofundar o entendimento sobre a complexidade das relações entre a literatura, a história e a cultura, a fim de provocar uma reflexão sobre como a educação poderia influenciar na formação de cidadãos conscientes e honrados, que dariam sua vida pela pátria.

Porém, o que se concluiu, neste artigo, foi que embora ainda não exista um consenso acadêmico sobre a relação entre a *agogé* e a *Ilíada*, de Homero, é possível afirmar que há uma semelhança entre os conceitos e condutas dos heróis e cidadãos. Tanto a *agoge* quando a obra valoriza a coragem, a honra, a lealdade e uma bela morte; assim, é possível afirmar que a obra era recitada em banquetes da aristocracia guerreira espartana. Os soldados conheciam e tinham acesso à obra e através dela, valores e ideais podiam ser reafirmados e explorados como um espelho e inspiração, mas não se pode afirmar isso no âmbito da educação formal.

A possível relação entre a *agoge* e a *Ilíada* é um tema fascinante, assim como estudar sobre a sociedade espartana e o ciclo épico troiano, mas, como dito no início

## 12º Encontro de Pesquisa em História



do artigo, dada às informações e fontes, não é possível afirmar que era uma prática pedagógica recorrente. Situação triblada por meio de um olhar histórico profundo sobre a *Ilíada* e a buscar por filósofos ou integrantes do período que deixaram outras observações. Outra possibilidade está na pesquisa interdisciplinar entre os estudos arqueológicos, históricos, literários e linguísticos. Assim a área avança gradualmente.

### FONTE LITERÁRIA

HOMERO. *Ilíada*. Tradução e prefácio de LOURENÇO, Frederico. Introdução e apêndices. JONES, Peter. Introdução à edição de 1950. RIEU, E. V. São Paulo. Penguin Classics Companhia das letras, 2013.

### REFERÊNCIAS

AEDO. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aedo/>. Acesso em: 30 set. 2024.

ANTUNES, N. T.; ROSA, D. de F. C.; SILVA, R. G. do A. . 100751-100771, dec.2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/21978>. Acesso em: 23 nov. 2024.

BARROS, J. A. **Teoria da História. Os primeiros paradigmas: Positivismo e Historicismo**. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2011. V 2.

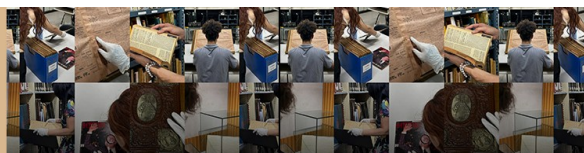
BERNARDO, G. C. **Comandantes e covardes: honra e mérito em Esparta**. São Paulo: Intermeios, 2020.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. **Revista Teoria da História**, Goiás. n.3. p.94. jun. 2010.

CARMINATI, Luis Henrique. Esparta e seus cidadãos: entre a honra e a vergonha. **Romanitas**, Espírito Santo, n.21, p.247–245, 2023.

FORNIS, César. Atenas e Esparta eram rivais: mas muitos atenienses admiravam genuinamente seus os adversários. **National Geographic Portugal**, 21 out 2024.

## 12º Encontro de Pesquisa em História



Disponível em: [Atenas e Esparta eram rivais – mas muitos atenienses admiravam genuinamente os adversários](#). Acesso em 23 nov 2024.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga**. 1º ed. 8ª reimpressão. São Paulo. Editora Contexto. 2023.

GRAZIOSI, Barbara. **Os Deuses do Olimpo**: da Antiguidade aos dias de hoje, as transformações dos deuses gregos ao longo da história. Trad. de Claudia Gerpe Duarte e Eduardo Gerpe Duarte. São Paulo. Cultrix, 2016.

JAEGER, W. **Paidéia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MALTA, André. **Literatura Universal — Ilíada (Homero) — Pgm 01**. Univesp. 27 mar 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mRtUgA3Mmo>. Acesso em: 29 set. 2024.

MARQUES JÚNIOR, Milton. A Ilíada ou a Glorificação de Heitor. **Expedições**, Goiás, v.4, n. 1, 2013. Disponível em: [https://www.revista.ueg.br/index.php/revista\\_geth/article/view/1463](https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/1463). Acesso em: 24 nov. 2024.

MORAES, Alexandre Santos de. **O Ofício de Homero**. Rio de Janeiro. Muade X, 2012.

OLIVEIRA, Cicero Mayk Ferreira Bezerra de. **História e Literatura**: A Literatura como fonte histórica. Universidade Federal de Alagoas. 2017.

OLIVEIRA, Luciene de Lima. A Agogé Espartana. **Principia**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 63 - 74, 2019.

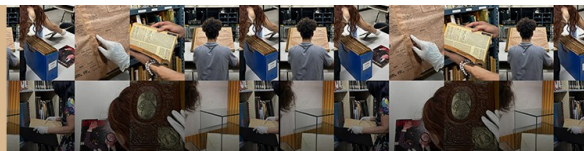
PITT-RIVERS. J. A doença da honra. In: CZECHOWSKY, N. (Org). **A honra**: imagem de si ou dom de si — um ideal equívoco. Porto Alegre: L&PM, 1992.

RIBEIRO JR., Wilson A. **Os poemas cíclicos**. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. 2006. Disponível em: [Os poemas cíclicos - Graecia Antiqua](#). Acesso em: 24 nov. 2024.

SAIS, Lilian. **Decifrando Ilíada e Odisseia, de Homero**. Casa do Saber. 9 fev. 2024. Disponível em: <https://youtu.be/lpSBTcfEA80?si=jWf1OKchsMq0yIR4>. Acesso em: 29 set. 2024.

SILVA, Bruna M da. Do herói homérico ao herói germânico: uma análise comparada sobre o código de conduta guerreiro entre a Ilíada e a Batalha de Maldon. **Medievalis**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 71 – 89, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/medievalis/issue/view/1730/1125>. Acesso em 23 nov. 2024.

## 12º Encontro de Pesquisa em História



SILVA, Cristina Ennes da. BUFFON, Alexandro Buffon. “A divina comédia: uma reflexão sobre a literatura como fonte histórica”. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, Rio Grande do Sul. Fev. 2019. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2019/02/literatura-fonte-historica.html>. Acesso em 30 nov. 2024.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Louros a Esparta: entre ἀγωγή e ἀγών. **Revista Museu Arq. Etn.**, São Paulo, v. 29, p 105-111, 2017.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Plutarco: Antigos Hábitos dos Lacedemônios. **Graphos**, Paraíba, v. 22, n. 1. p.120-138, 17 jun. 2020.

SOUSA, Renata Cardoso de. SILVA, Bruna Moraes da. **A Bela Morte e o Belo Morto: Duas Visões Acerca da Morte em Homero**. 2022. Disponível em: [https://www.academia.edu/3517729/A\\_bela\\_morte\\_e\\_o\\_belo\\_morto\\_duas\\_vis%C3%B5es\\_acerca\\_da\\_morte\\_em\\_Homero\\_with\\_Bruna\\_Moraes\\_da\\_Silva\\_Beautiful\\_death\\_and\\_beautiful\\_dead\\_two\\_views\\_of\\_death\\_in\\_Homer](https://www.academia.edu/3517729/A_bela_morte_e_o_belo_morto_duas_vis%C3%B5es_acerca_da_morte_em_Homero_with_Bruna_Moraes_da_Silva_Beautiful_death_and_beautiful_dead_two_views_of_death_in_Homer) . Acesso em 23 nov. 2024.

SCHEIN, S. L. **The mortal hero**. Los Angeles: University of California Press, 1984.

VAINFAS, Ronaldo; SOARES, Luís Carlos. Nova História Militar. *In*: Cardoso, Ciro Flamarion; Vainfas, Ronaldo (org.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. cap. 6, p. 113-114.